

Relatório do III Encontro Nacional do MPC

S. Paulo: 1, 2 e 3 de março de 1981

Nos dias 1, 2 e 3 de março de 1981, reuniram-se em São Paulo, para seu III Encontro Nacional, padres casados, suas esposas e filhos, vindos dos seguintes Estados: Acre, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo, e do território do Amapá. O local da reunião foi o Instituto Paulo VI, gentilmente cedido pelo Cardeal-Arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns.

Os temas constantes da pauta de trabalhos foram:

1º. dia – “O padre casado e a Igreja Institucional”.

2º. dia - “Análise dos trabalhos de base”.

3º. dia – “Organização do Movimento de Padres Casados”, cujas conclusões aparecem adiante.

Mereceram destaque, também, as reuniões das mulheres, cujas conclusões e depoimentos se encontram mais adiante.

Presença de Dom Paulo

No 1º. Dia do Encontro, atendendo ao convite que lhe foi formulado, esteve presente Dom Paulo, deixando a todos sua mensagem de simpatia e apoio, e sugerindo alguns pontos importantes para a vida do Movimento:

- a) ajuda e acolhimento mútuo, tendo em vista, em especial, os padres que mais recentemente deixaram o ministério eclesiástico;
- b) necessidade de organização, tendo em vista atuar eficazmente junto à hierarquia a fim de conseguir canais eficientes de comunicação com a Igreja;
- c) presença e testemunho cristão junto ao povo de Deus.

Objetivos Gerais do Movimento

Após estes dias de intenso trabalho, o Plenário chegou ao consenso sobre três grandes objetivos do Movimento – o pluralismo de opções de engajamento, dentro da Igreja ou à margem dela:

1 – acolhimento e mútuo apoio entre os padres casados;

2 – diálogo e pressão em favor de uma Igreja mais aberta, levando em consideração, inclusive, as palavras do recente documento elaborado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em sua reunião de fevereiro último, em Itaici – SP. Nele se afirma que “cabe uma palavra especial sobre os presbíteros que, por livre opção e, muitas vezes, não sem sofrimento e vacilação, pediram à Igreja a redução ao estado laical. Estes, por sua formação espiritual e teológica, pelos anos dedicados ao ministério e à Igreja, podem e devem pôr seus dons a serviço dos irmãos, dentro da sua nova condição na Igreja”;

3 – atuação nas comunidades cristãs e engajamento nas lutas do povo por sua libertação e na construção de uma sociedade em que haja justiça e liberdade.

(Este último item foi explicitado no texto do Anexo IV, sob o título: “ Nosso Anúncio ao Povo de Deus”.

Decisões Finais

1 . Nome e organização do Movimento

O nome continua sendo, provisoriamente, Movimento Nacional de Padres Casados e sua organização compreende: Comissão Nacional e Comissões Regionais.

2 . Próximo Encontro

a) Data: Carnaval de 1982 – 21/22/23 de fevereiro

b) Local: São Paulo

c) Tema: Os coordenadores escolherão o tema, aproveitando as sugestões levantadas no presente Encontro e as que serão enviadas pelas Regionais conforme consulta prévia.

3. Equipe de Coordenação

Permanece a atual equipe: Felisbino e Lea, Francisco e Rosa Maria, Ricardo e Leonor, devendo contar com mais um ou dois casais a serem escolhidos no grupo de São Paulo.

Constituem tarefas da Equipe Nacional:

-Coordenação do Movimento em nível nacional

- Comunicação

- Finanças

4 . Comissões Regionais

Regionalmente, cada grupo se organizará, levando em conta as seguintes tarefas ou funções:

- Comunicação

- Apoio e ajuda mútua

- Diálogo com a hierarquia

- Trabalhos de Base

- Espiritualidade

- Finanças

RELATÓRIO DO 1º. DIA

1. Conclusões dos grupos, em resposta à pergunta: “O que nós, padres casados, pretendemos?”

-É preciso se organizar, mas evitando cair na institucionalização exagerada. Que nosso Movimento se apresente como um dos grupos de compromisso com o povo, defesa dos direitos humanos, amadurecimento da sociedade civil.

- Dar mais importância ao fato do engajamento, à opção pelos pobres, à ajuda mútua, do que à própria organização.

- Não se preocupar com a aceitação ou não por parte da hierarquia, mas em abrir brechas e conquistar espaços, Por outro lado, procurar conviver em paz com o clero da ativa.

- Não se preocupar em reivindicar um retorno saudosista à situação anterior, mas procurar ser uma força a serviço do povo, caminhando com ele.

- Não basta estar apenas com o povo, é preciso analisar e avaliar a qualidade de trabalho.

- Foi proposto que o Movimento admita um pluralismo de opções de engajamento dentro da Igreja.

- Exercer nossas atividades profissionais dentro de uma visão evangelizadora.

- Procurar um aprofundamento na fé sobre a função do padre casado.

-O padre casado não deve lutar para reconquistar seu antigo lugar de padre, mas sim incentivar o povo a encontrar seu lugar na Igreja, em forma de ministérios, comunidades, organizações, participação.

- Além de outras motivações, o Movimento sente necessidade de não se desligar da Igreja, pois precisa de mais força não só para reunir o povo, como também, para ter uma retaguarda na luta pela libertação.

2. Questões levantadas a partir do encontro com D. Paulo Evaristo e sugestões apresentadas:

-Por que a CNBB não estendeu também aos padres casados a pesquisa preparatória ao Encontro de Itaici?

-Foi proposto que uma comissão encaminhe a Dom Paulo as conclusões do Encontro, já que ele se comprometeu a servir de canal.

-Foi proposto que se nomeasse uma para um contato permanente com Dom Paulo.

-Nós somos iniciadores de um Movimento novo.

- Como nos engajar mais e melhor com o povo?

-Como entrar concretamente no compromisso da Igreja com o povo?

-Como nós, casados, podemos dar exemplo de dedicação ao povo?

-Foi lembrado que as lutas pelos direitos da pessoa devem começar dentro da Igreja.

- foi proposta que se estabeleçam canais de diálogo entre nós, padres casados (exemplo: comunhão de endereços).

Relatório do 2º. Dia

1. Análise dos trabalhos de base (troca de experiências).

Foram estas as conclusões dos grupos:

a) Dificuldades

- Muitos sentem um certo isolamento e outros, acomodação.
- Dificuldades de relacionamento com muitos padres.
- Problemas de subsistência.
- Ambiente reacionário.
- Acúmulo de trabalho e reuniões.

b) Engajamento profissional

- Muitos fazem da profissão um engajamento pastoral, mediante:
 - Aulas de religião;
 - Aulas em escolas e faculdades;
 - Imprensa e editoras;
 - Atividades autônomas, etc.

c) Engajamento em trabalhos de Igreja

Percebeu-se uma participação variada em atividades de Igreja, tais como: catequese, pastoral, cultos, CEBs, pastoral de noivos, cursilhos, vicentinos, liturgia, batismo, cursos bíblicos, comunidades catecumenais, MFC, renovação cristã, formação de agentes de pastoral.

d) Engajamento em Movimentos Populares

ACO, JOC, Pastoral Operária, Movimento Indígena, Movimento de Favelas, pequenos proprietários, CPT, Associação de Professores, SABS, creches, atividades sindicais, trabalhos reivindicatórios, animação e dinamização de grupos.

e) Engajamento político- partidário

Alguns participantes desenvolvem atividades em:

- diretórios políticos;
- assessoria a políticos e sindicatos.

2. O que pretendemos enquanto grupo?

Conclui-se que o grupo se constitua em:

a) grupo de acolhimento e apoio mútuo;

b) grupo de pressão para uma Igreja mais aberta;

c) grupo engajado junto ao povo, pressionando no sentido de uma sociedade civil com liberdade e com justiça.

3. Conclusões a partir dos engajamentos de cada um

3.1 – Igreja e CEBs

a) Dimensão de fé

- O trabalho na CEBs, por ser um sinal de amor aos homens e a Deus:
 - . é um sinal de fé;
 - . é a semente, o início de tudo;

- .é a obra da paciência e da esperança;
- .é opção pelos mais pobres;
- .é compromisso com o Evangelho, até as últimas conseqüências;
- . é consciência que o povo tem de que o que ele vive,sofre e transforma é o Evangelho.

-Atitudes que se deve ter em relação ao crescimento da fé do povo (de uma fé tradicional para uma fé ativa) :

- . respeitar a fé do povo, mesmo quando limitada;
- . descobrir pessoas que têm condição de viver uma fé nova e de construir uma Igreja nova;
- . fazer do estudo um meio de apoio e não de dominação;
- . não queimar etapas por querer resultados imediatos.

b) Dimensão política

-É uma realidade que o povo anda muito devagar. Como despertar o povo para a dimensão política? Algumas sugestões:

- . círculos bíblicos, vivência comunitária, percepção coletiva dos problemas;
- . estudo de temas do Antigo Testamento (Abraão, Moisés...);
- . criação de esquemas de comunicação dentro das CEBs (boletins, cartazes, jornaizinhos...).

-Meios de firmar e organizar as pessoas despertadas:

- . grupos ecumênicos nascidos das CEBs;
- . grupos autônomos (Amigos de Bairro, etc.).

a) Dimensão pessoal e familiar

-Mudou o enfoque de nossa fé (não há mais tempo para orações ao longo do dia, mas temos consciência de que o trabalho se tornou oração).

-Pelo casamento nos sentimos mais identificados com o povo.

- Cada filho que nasce é um ato de fé.

- O casamento nos deu um próximo insubstituível: esposa, esposo e filhos.

- Em nossa sociedade dessacralizada e sexualizada, o casamento é um fator de equilíbrio emocional

3.2) Movimentos populares

-A opção pelo pobre é uma opção de classe.

- O poder de decisão deve ser do povo.

-É importante organizar o povo, em grupos de base, com pequenos trabalhos, etc.

-Buscamos uma transformação, em vista de uma sociedade nova, justa e humana.

-É importante unificar o Movimento Popular.

-Nosso papel de assessores é importante, mas secundário.

-Nunca substituir o trabalhador. Respeitar o povo em sua caminhada.

- Nunca avançar demais e estar sempre atento às várias formas de repressão.

3.3 – A profissão e a fé libertadora

- Que entendemos por profissão?

.É o gesto cotidiano da pessoa para sobreviver e continuar merecendo a vida, em meio aos mais variados ambientes, alguns libertadores, outros opressores.

. O trabalho do profissional que possui uma dimensão de fé, em seus gestos, torna-se fermento de vida e sal que conserva.

. O profissional deve ter dimensão político-econômico-social. Por isso, acima de tudo, deve rejeitar a opressão, amar o opressor, libertar-se e libertar os colegas oprimidos, pela aplicação da justiça.

. A profissão não tem razão em si mesma, se é vista apenas como meio de sobrevivência. Ela é algo que deve estar a serviço dos companheiros. O profissional não abdica da luta. Participa. Sindicaliza-se. Liberta. Esclarece os colegas.

. O profissional cristão vai além, da libertação da matéria pela matéria. Liberta o homem integral e vê no seu labor as dimensões libertadoras do Evangelho, e no homem, o Cristo vivo.

- Conclusão:

Todo profissional cristão (professor, operário, funcionário público, intelectual, etc.) deve atuar de forma libertadora a partir do trabalho. E mais: continuar essa libertação no seu bairro.

Vida pessoal e familiar

- O grupo foi unânime em reconhecer a importância do amor para superar as dificuldades inerentes à vida conjugal de um ex-padre e sua esposa. O casal não deve encerrar-se num egoísmo a dois, mas voltar-se para o próximo.

-A vida religiosa dos filhos constitui uma preocupação. Alguns depoimentos falaram do receio de certas situações ou omissões na formação religiosa dos filhos.

- O engajamento religioso do marido, muitas vezes, prejudica a vida conjugal. Foi o caso apresentado por uma esposa, cujo marido trabalha fora do lar a semana inteira e, no final da semana, se ausenta de casa para trabalhar na Igreja. Pouco tempo sobra para a convivência entre os dois.

- Alguém colocou a seguinte questão: Será que o celibato se justifica, porque os encargos da família interferem no exercício do sacerdócio?

- Muitas esposas se preocupam em harmonizar o trabalho de engajamento pastoral com suas funções de esposa e mãe.

-Ainda na questão da educação dos filhos, foi salientado o papel do pai. Não se omitir, julgando que a missão de educar pertence exclusivamente à mãe. O pai exerce grande força na formação dos filhos.

3.5) O engajamento político como exigência da fé

- Conceito de política: condução da coisa pública visando ao bem comum.

-O cristianismo prega o bem comum. Toda ação do cristão é uma ação política.

-Engajamento político é preparar o povo para saber escolher. Não é apenas trabalho assistencial em favelas, mas um trabalho mais amplo em âmbito de Brasil, de América Latina.

-Política: partidária ou extra-partidária, política econômica, política de defesa dos direitos humanos, defesa dos posseiros, etc.

-É preciso tomar partido, candidatar-se, se for o caso, apoiar candidatos que possam elaborar leis justas e eficazes. Em São Paulo já existe uma experiência de candidatos apoiados por comunidades de base e que correspondem aos interesses do povo.

Conclusões e Depoimentos do Grupo das Mulheres

1. Porque casar com padre?

- A maioria das mulheres presentes ao Encontro casaram motivadas pelos trabalhos de engajamento dos quais os maridos já participavam. Acham elas que o casamento ajudou a aumentar a dedicação ao trabalho, pois, agora os dois vão para a luta e se estimulam mutuamente.

- Algumas mulheres se casaram com padres que não estavam engajados na luta do povo, ou não estavam ligadas a qualquer tipo de apostolado. Casaram com eles por seus valores pessoais e estão preparadas para entender e ajudar no apostolado a que o esposo é chamado.

- Citou-se o caso de uma companheira que chegou a estudar Teologia para entender o trabalho do marido.

- Algumas mulheres, por terem casado com padres, foram perseguidas, perderam empregos, as famílias ficaram contra elas, tiveram que deixar alguns trabalhos nas CEBs, por pressão da Igreja Institucional.

2. Participação da Mulher na luta

- O filho realiza a mulher e é mais um dado para a participação na luta. Com os filhos, abrem-se espaços na Igreja e na sociedade.

- A presença dos filhos melhora, inclusive, o relacionamento com os vizinhos. É importante conseguir a colaboração desses vizinhos para que a mulher possa participar de reuniões.

- Importante, também, levar os filhos às reuniões para que eles, aos poucos se habituem a participar da luta.

3. Divisão do trabalho doméstico

-A maioria dos esposos presentes já entendeu ser importante que suas esposas participem dos trabalhos fora do lar. Para isso, dividem com elas todos os afazeres de casa, inclusive o cuidado dos filhos. Mas ainda há uma minoria que não está ajudando as esposas e se recusam a isso. Nesses casos, as mulheres devem levar os maridos a assumirem também esse trabalho.

4. Libertação da Mulher

-As mulheres precisam ser conscientizadas dos seus direitos de pessoa humana. Muitas vezes, porém, quando a mulher começa a tomar consciência de seu papel, nascem os atritos com a família.

- É preciso caminhar junto com os homens, fortalecer as lutas. Conscientizar cada vez a mulher para a participação.

- Muito válida a experiência de Andradina, onde as mulheres se reuniram com pedaços de pau na mão e puseram os jagunços para fora.

-A mulher deve participar também da vida econômica do lar, contribuindo para a produção na sociedade e, com isso, assegurando maior presença do homem e da mulher nas lutas.

NOSSO ANÚNCIO AO POVO DE DEUS

Neste III Encontro Nacional do Movimento de Padres Casados, dentro do espírito pós-conciliar, de Medellín e de Puebla, diante da grave opressão em que vive o povo de Deus, em especial as classes mais exploradas, renovamos, mais uma vez nosso compromisso com a causa do pobre.

Estamos conscientes de que o povo somente levará adiante sua luta pela libertação, se estiver bem organizado, tanto na cidade como no campo.

É com esta disposição de servidores do povo de Deus que nós propomos os seguintes pontos e princípios, como explicação de nosso 3º. objetivo geral:

1. Participar na organização dos trabalhadores rurais, na sua luta pela terra, por sindicatos livres e autônomos, representativos dos interesses dos trabalhadores, por preços justos aos seus produtos, por cooperativas, escolas, casa própria, transporte e saúde. Incentivar a participação dos trabalhadores na vida política e seus anseios por um Partido conseqüente de oposição ao regime capitalista.

2. Participar na organização dos trabalhadores urbanos em suas lutas dentro das associações de bairro, dos sindicatos, no Movimento contra a Carestia, visando ao atendimento de suas necessidades concretas: água, luz, esgoto, casa própria, salários justos, creches, postos de saúde e segurança.

3. Participar na criação de instrumentos que unifiquem as lutas dos trabalhadores da cidade e do campo, uma vez que vivem em situações similares, favorecendo o conhecimento recíproco de suas dificuldades e das propostas para a solução delas.

4. Considerando tudo isto como tarefa essencial para fortalecer a oposição popular ao sistema opressor, cuidando – se de evitar qualquer tipo de radicalismo. Neste sentido, repudiamos todas as perseguições e atentados, e o assassinato de pessoas que lutavam pela terra e pelos direitos dos operários. E nos solidarizamos com a causa dos trabalhadores, apoiando, por exemplo, os treze líderes sindicais recentemente condenados pela Lei de Segurança Nacional e colaborando com o Fundo de Greve.

5. Contribuir para que o povo tenha o poder de decisão em tudo o que lhe diz respeito: no plano sócio-político-econômico, tendo acesso à discussão dos orçamentos municipais, estaduais e federais; e no plano eclesial, participando diretamente da organização e da condução de suas comunidades.

6. Comprometer-se com a transformação da sociedade, no sentido de criar um novo sistema social em que os trabalhadores venham a ser realmente os donos dos meios de produção e desfrutem dos recursos criados por todos.

Tudo isto queremos fazer, animados pela fé em Jesus Cristo e no seu Evangelho, em comunhão com o povo de Deus, em suas reivindicações e suas lutas pela libertação- por uma sociedade humana e fraterna.

Palavras de D. Paulo Evaristo

Nota: O texto do Anexo V foi reproduzido de fita gravada, sem revisão do entrevistado. As lacunas e a omissão das perguntas se devem à impossibilidade de sua gravação, em virtude da distância entre o microfone e o local de cada participante. Por isso, foi indicado apenas o assunto das perguntas, sem sua transcrição literal.

Introdução

D. Paulo – É um grande prazer para mim estar aqui no meio de vocês. Queria em primeiro lugar agradecer o fato de vocês se encontrarem entre si e se encontrarem aqui em São Paulo e no “

“Paulo VI”. Agradecer no sentido profundo do termo, quer dizer, todos que se encontram para analisar a própria missão na Terra e já podem estar certos de que estão na metade do caminho para realizar esta missão nova e prodígia que é a de vocês.

Em segundo lugar, eu gostaria também de dizer a vocês que eu espero muito desta reunião. E o que mais espero, poderia sintetizar-se no seguinte: vocês que conhecem a Igreja, também sua organização a partir de seu íntimo, vocês poderiam fazer muito para que ela continuasse unida ao povo. Que ela assumisse o que há de mais profundo dentro deste povo, como o clamor dele para o encontro entre os homens, o encontro com Deus, para encontrar os caminhos da justiça, da verdade, para também se unir no sentido mais profundo do termo, para poderem reivindicar o que é mais essencial à vida: como neste ano, por exemplo, a saúde; no próximo ano, a cultura; no outro, quem sabe, a integração das minorias, como os índios e tudo o mais. Os grandes temas que são os temas da Igreja.

Mas também, imagino que vocês não queiram receber de mim este programa. Mas que vocês o estejam elaborando e dizendo onde vocês podem entrar; como e em que vocês podem entrar e quais as perspectivas que vocês já vislumbram hoje, a partir de sua experiência pessoal ou de sua experiência de grupos. Por isso, eu entendo esta reunião mais como troca de idéias, um bate-papo e, quem sabe, propostas mútuas, e não tanto como uma exposição que venha de minha parte; esta, vocês vêm me pedir e eu também não iria fazê-la sem terem me pedido esta exposição. Mas estou aqui com muita satisfação e disposto a conversar.

(pergunta – sobre a discussão do tema “ padres casados” na reunião dos bispos em Itaiçi)

Dom Paulo – Quero dizer que eu tinha, em meu grosso calhamaço, tudo anotado: o que se diz, se dizia a respeito. Este grosso calhamaço depois se invalidou, porque vieram as correções e não deram a nova redação.(...)Então não adianta eu dizer hoje a palavra definitiva. Eu talvez pudesse lembrar alguns pontos, talvez uns quatro ou cinco.

Vocês sabem que, em inícios de dezembro, eu acho que foi no dia 12 de dezembro, o Papa João Paulo II enviou uma carta aos bispos do Brasil, fechando a questão, dizendo que não esperem solução para o problema do Brasil nem na ordenação de homens casados, nem na readmissão dos que já exerceram o ministério e nem tampouco(qual era a terceira ?) na ordenação de homens casados. Então os bispos tinham isto à frente. Na primeira redação, saiu o seguinte: citando a palavra do Papa e dizendo, embora com a renúncia da própria opinião de alguns deles, nós acatamos, e nem poderíamos deixar de acatar, esta orientação. Então vem a proposta: nós continuamos dialogando neste sentido para ver como é que continua. Isto não passou no texto; depois, acharam que , publicamente, não se precisa dizer isto, não é? Este diálogo deve ser interno.

Depois, quando o texto foi apresentado, veio com uma segunda moção, diretamente para os padres que deixaram o ministério. Diretamente. Moção de apoio e o convite para eles assumirem dentro da Igreja o que eles podem assumir. Mas, em sentido assim bastante vago; também nós não iríamos dizer o que é que eles querem assumir, não é? Depois eu vira também, acho que umas cinco ou seis vezes, ocorrer dentro do texto uma palavra assim que poderia significar que a gente precisava de contatos. Precisava de contatos, mas definição diretamente, não. Quando a coisa foi levantada, e foram seis oradores ou sete que levantaram a questão, então foi dito que nós não estamos tratando aqui senão da vocação e do ministério dos padres na ação. E que, portanto, seria outro capítulo novo, um acréscimo, se fôssemos tratar daquele assunto. Então não entrou um novo capítulo a esse respeito.

(pergunta – sobre a opinião de Dom Paulo a respeito dos “ padres casados”)

Dom Paulo – A palavra do Papa, propriamente, não se dirigia a vocês; a palavra do Papa se dirigia aos bispos. A palavra do Papa dizia que não iria permitir a ordenação de homens casados, e assim por diante, não é?

Quanto a nós, o que devemos fazer? Eu acho que a proposta é muito importante e muito boa. Quando eu entrei como Arcebispo, nós nomeamos uma comissão para isto. Ela chegou a reunir, naquele tempo, setenta e cinco casais. Eles fizeram propostas; estas propostas eu levei não só ao Conselho de Presbíteros, como depois levei também ao Papa. Não recordo bem quantos pontos são, vocês vão me perdoar, porque isto faz uns oito ou nove anos já; mas alguns pontos eu me lembro bem.

Uma primeira reflexão foi a seguinte: que quase sempre o padre que deixa o ministério precisa de um tempo para inserir-se no mundo. Então diziam que precisavam de três a cinco anos até encontrar a profissão, até a adaptar à vida matrimonial, etc.

Também diziam, num segundo ponto, que eles preferiam não voltar ao ministério que já tinham feito, por causa das esposas que poderiam não estar muito satisfeitas (elas vão me dizer se isto é verdade, não é?). Se elas voltassem, mesmo com eles próprios, se não se sentiriam bem naquilo que já tinham feito. Imediatamente antes, não é?

Uma terceira questão, uma questão que eles achavam muito importante: que antes de assumirem trabalhos dentro de um grupo, que eles próprios fossem aceitos por este grupo, ou seja, que este grupo não os considerasse como um deles, embora com muito mais conhecimentos, quem sabe, e muito mais capacidade de liderança.

Lembro-me, também, que eles acharam que a parte financeira era muito importante, enquanto eles estavam se adaptando aos grupos. Que nos primeiros três ou cinco anos, a parte financeira pesava imensamente sobre a maioria das pessoas. No entanto, pode ser que eram só cinco, mas estes cinco, se não me engano, faziam uma crítica muito severa ao relacionamento com os padres, colegas antigos e aos próprios bispos, muitas vezes. No final, apesar de tudo, depois dos cinco anos, eles achavam que poderiam inserir-se não só na função que os leigos sempre ocupam, mas que poderia também ser utilizado o melhor de seus talentos para, por exemplo, a evangelização. Então, propunham diversos deles: Universidades, escolas, etc.

Do Papa eu fui diversas Congregações. Vocês sabem que exista uma proibição de os padres que deixam o ministério serem professores de Religião ou professores de Teologia ... Eu fui ao Prefeito desta Congregação e ele disse que achava um absurdo no Brasil, ainda mais em São Paulo, e que de fato, na minha Universidade, a PUC, quase todos que estão ensinando nessa área são padres que deixaram o ministério. (...)

Ele disse que em casos particulares, como sempre, o bispo é quem resolve. Mas esta é a lei geral. Bem, parou a conversa, não é?

(pergunta – sobre o pensamento de Dom Paulo a respeito do aproveitamento dos padres casados na Pastoral da Igreja)

Dom Paulo – É claro que não respondo por todas as Igrejas particulares. Em cada uma de suas igrejas a situação deve ser diferente. Respondo por São Paulo, pelas três últimas assembléias do povo, a Pastoral Popular, ou seja, aquela de Defesa dos Direitos Humanos, Justiça no Mundo do Trabalho e a preferência por tudo que vem da periferia ou vai para a periferia, como também por Comunidades de Base.

Dentro desta Pastoral, eu sei que todas as forças que surgirem serão testadas pelo próprio povo. Se não derem certo com o povo mesmo não iria por este lado; e se derem certo com o povo, tudo junto, e não fizerem, digamos, grupos separados de todos, o movimento é da Igreja. A unidade neste ponto é cada vez mais fundamental. Então acredito que o teste virá mais da disposição da pessoa e da aceitação do povo do que propriamente de uma organização, se vamos dividir para cá, para lá, não é?

(Perguntas – relativas ao possível escândalo causado pelos padres que se casam no local onde atuavam e ali permanecem, e sobre as dificuldades que eles podem criar aos padres do mesmo local)

Dom Paulo – Eu penso que a verdade sempre nos liberta(...).

Talvez isto nos venha de uma posição mais ou menos oficial, porque cada vez que há o casamento de um padre que deixa o ministério , pede-se junto, que se analise se o povo está preparado para isto(...). Porque em algumas partes se escandalizam e em outras partes não(...).

Eu não veria dificuldade. Tenho colega trabalhando, com absoluta normalidade, numa paróquia, talvez a mais tradicional de São Paulo (...). Não vejo inconveniente, pelo contrário, acho que dá mais confiança mesmo, no saber, na prática, digamos assim. Não vejo dificuldades. (...).

È possível que alguém tenha medo de perder a cátedra, mas não costuma ser este o fato, quer dizer, o fato que o padre volte a trabalhar lá de onde saiu (...).

Normalmente, quando vai para outra comunidade, é um líder novo que vem, não é? E este líder novo, acredito que deva ocupar o lugar que lhe convém e não tirar o lugar do outro. Seria liderança falsa, seria dividir a Igreja, não é?

(Perguntas - sobre o porquê de uma atitude não muito definida em relação ao assunto e sobre o inquérito dirigido aos padres do Brasil, antes do Encontro de Itaiçi)

Dom Paulo – Eu seguirei sempre as normas da Igreja universal, porque na hora em que me separar da Igreja Universal, a de São Paulo não vai para a frente. Eu posso é fazer o que eu fiz com todos vocês e com outros, também, por exemplo, um grande encontro com o Papa Paulo VI em que primeiro ele ficou meio bravo, assim chocado, depois começou a compreender, quando eu ia dizia que o Brasil, sem a ordenação de homens casados, não iria encontrar solução; que era hora de pensar seriamente nisto. Ele acabou dizendo estarmos, então, isto já vai um tempo, estarmos à frente do Sínodo, que ia tratar disto. Ele me respondeu textualmente: “ Eu sou Papa para servir a Igreja. Se o Sínodo for maioria e assim o determinar, eu o executo.” E o Sínodo não o determinou por maioria.

Paulo VI nunca mais voltou a isto. Agora acho que João Paulo II é muito mais explícito, pelo que eu tenho sentido, neste ponto ele é muito mais explícito e vocês nunca vão poder esperar de mim que eu não vá com o Papa. Isto é inútil discutir, porque estarei sempre com a Igreja toda unida, porque na hora em que eu me separar eu perco toda a força de falar dentro da Igreja e de trabalhar dentro da Igreja no sentido no sentido que eu acho certo, Então, neste sentido, não haja dúvida: eu vou com a Igreja Universal, os bispos todos e o Papa. Não tenham dúvidas. E isto , também, todos os demais bispos.

Agora, o que se disse que eu acho, também, verdade, é que foi feito um inquérito entre os padres, o qual serviu aos bispos para discussão em Itaiçi. Esse inquérito foi enviado praticamente, a todos os padres. Nem todos receberam, mas foram enviados 12.000 e tantos. Quantos padres existem? (...). Donde se vê, que só voltou mais de um terço, 35%, acho que não chega a 40%. Dizem, os sociólogos, que é normal. Costuma acontecer. Mas, a nós, nos deixa um pouco perplexos, porque o quadro que veio foi um quadro otimista demais diante do que a gente mesmo sente. É verdade que o bispo recebe, nos dias de hoje, quase sempre, os casos mais agudos. Quando o padre vai bem, não vai falar com o bispo. O padre que tem dificuldade é que vai. Antigamente, parece que era o contrário (...).

Então, a nossa impressão, a minha também, era de que as respostas do inquérito não retratavam totalmente a situação, sobretudo do que há pouco foi chamado assim: os padres mais antigos, uma vez também os mais inquietos, por causa disto, não é? Os mais inconformados. Talvez eles não tenham a resposta a partir do documento, porque nós só pudemos responder ao que vinha. Eles nos deram o “VER” e nós demos “JULGAR”. Então houve algumas propostas, que, aliás, foram muito poucas, porque cada lugar tem outro tipo de ação.(...).

(Pergunta – sobre a atitude da Igreja em São Paulo, cedendo recintos paroquiais para assembleias de operários)

Dom Paulo – Nós não vamos desviar do tema, não é? Mas, eu quero resumir a resposta em três pontos. Esses três pontos eu acho que os posso defender, diante de Deus e duante de todos os homens. Não diante do Governo, porque o Governo não aceita, mas diante dos homens abertos eu posso defender.

Em 1º. Lugar: os operários se viram despojados de seus locais de reunião, não podendo mais se reunir. Os salões da igreja foram construídos pelo povo, as igrejas foram construídas pelo povo. Então, nós abrimos os salões primeiro e, se fosse preciso, as igrejas. Isto alguém pode achar anormal? Porque sem lugar de reunião, como é que os operários iriam decidir em comunhão?

A segunda coisa importante: os operários estavam sendo obrigados a voltar ao trabalho pela fome. Isto não é método humano. Isto é contra todos os direitos. Então nós nos comprometemos com o Fundo de Greve, com eles. Portanto, arrumando comida para os que ganhavam pouco e passavam necessidades. Quem é que pode estar contra que se dê comida a quem tem fome? Sobretudo um caso destes, seria para humilhá-los que eles iriam voltar.

A terceira: quando eles estavam sendo perseguidos pela justiça, perseguidos e presos, nós nos pusemos `disposição para toda assessoria jurídica. E isto, vou repetir em todas as ocasiões de minha vida.

Na Polônia está se fazendo a mesma coisa. Absolutamente, a mesma coisa. Então, eu acho que isto não é material, isto é o mais espiritual que possa haver. É restituir ao homem ou garantir junto aos demais a dignidade dele, a livre decisão dele e o direito de ele se reunir. Foi o que fizemos. Isto eu acho que não é material nem nada e nunca alguém da parte de Roma disse uma palavra em desabono ou uma crítica. Mesmo vindo o Papa aqui, que reafirmou o direito dos operários. Justamente o que eu tinha pedido a ele em Roma, ele reafirmou. Mas isto é outra questão, não é? Não é a nossa questão, mas agradeço que se tenha dito.

(Perguntas – ainda sobre o fato de os bispos terem evitado o confronto com Roma no assunto “Padres Casados”)

Dom Paulo – Olhe, eu obedeco em tudo ao Papa, mas não deixo de falar a ele. (...)

Este foi o conjunto das seis ou sete intervenções que houve da parte dos bispos. Evidentemente, foram intervenções, não propostas para ação, porque a determinação, tinha vindo há pouquinho. Não iria haver uma rebeldia agora, dentro de uma Assembleia (...).

(Pergunta) – sobre o fato de as revoluções vitoriosas terem partido sempre das bases).

Dom Paulo – Dizer que as revoluções triunfantes são aquelas que vieram das bases, eu acredito neste princípio para o futuro. No passado eu não sei.

Quem analisa a história vai ver sempre que o povo fazia parte, mas quando a classe média decidia. E todas as revoluções, até a Revolução Francesa, qualquer uma delas foi assim. A partir deste princípio, daqui para frente eu acredito que ele seja verdade. Eu acredito nele. Acredito tanto, eu acho que tudo que nós fizermos daqui para a frente tem que ser feito assim: a partir do

povo, porque agora o povo, também, tem outros meios de comunicação, os quais antes eram sempre reservados ou para o exército ou para o clero ou para aquela classe que se comunicava e que tinha influências. Também não sei se hoje a classe média baixa não deve ser conquistada para a mesma coisa. Porque vocês todos pertencem à classe média, pela própria definição do que ela é. Então, eu acredito que ela também tenha que ser conquistada. A gente não pode romper, simplesmente, com aqueles que têm boa vontade, que estão enxergando; nem com economistas, nem com políticos e outros que estão enxergando a solução, porque senão o povo, a certa hora, vai ser de novo pisado e vai ser pisado até porque nós o levamos a isto. Então, temos obrigação de preparar também a classe média baixa, a comunicação, até os especialistas no assunto para irem conosco. O mesmo eu diria da Igreja. Se a gente simplesmente separa a Igreja do povo, não vai dar certo. Então é preciso conquistar também os graus intermediários. Mas a força principal, eu acredito que seja da parte do povo. (...).